



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE LETRAS E ARTES**  
**FACULDADE DE LETRAS**

**“O crime do Padre Amaro” e uma leitura do destino de Amélia.**

Juliana Fonseca da Costa

Rio de Janeiro

2023

JULIANA FONSECA DA COSTA

116181962

**“O crime do Padre Amaro” é uma leitura do destino de Amélia.**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras: Português - Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Luci Nogueira Ruas.

Rio de Janeiro

2023

## Ficha Catalográfica

*Ao Vô Tininho, (in memoriam).  
Tudo era por sua causa, no tempo em que  
festejavamos o dia dos seus anos.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me deu forças para concluir esta monografia, após longos sete anos de graduação.

Ao meu querido avô Tininho Fonseca (in memoriam), cujo amor, empenho e dedicação me transformaram na pessoa que sou hoje. Sem o apoio e incentivo dele nada seria possível. Dói não poder compartilhar essa conquista com ele, mas este trabalho representa o resultado de seu esforço.

À minha mãe Patricia, minha avó Laura, minha irmã Paula e ao meu doce e amado afilhado Heitor, que me fizeram acreditar que eu era capaz e estiveram ao meu lado em todos os momentos.

À professora Luci Ruas, a quem muito admiro e que durante todos os anos da graduação me inspirou como pessoa e profissional.

Por último, mas não menos importante, às minhas amigas que sempre me apoiaram e acreditaram no meu potencial.

*“O homem é um animal que adora corromper-se.”*

*Machado de Assis.*

## Sumário

|   |    |
|---|----|
| 1. Contextualizando a obra <i>O crime do padre Amaro</i> .....  | 07 |
| 2. Contexto histórico e a importância de Eça de Queirós.....  | 09 |
| 3. Como a mulher era retratada na sociedade e na literatura portuguesa no século XIX.....                 | 12 |
| 4. A religião como norte do comportamento feminino das personagens de <i>O crime do padre Amaro</i> ..... | 15 |
| 5. A influência do meio na obra <i>O crime do padre Amaro</i> .....                                       | 19 |
| 6. A similaridade entre S. Joaneira e Amélia .....  | 23 |
| 7. Amélia: personificação do pecado e castigo .....   | 26 |
| 8. REFERÊNCIAS .....  | 34 |



## Resumo

O presente trabalho visa observar o papel da personagem Amélia do romance *O Crime do Padre Amado* (1875, 1876, 1880) para pensar como ela é de alguma forma um produto da sociedade oitocentista decadente de Portugal. Em meio a uma crise política, econômica e social, criou-se um sistema para manter as estruturas de poder as mulheres eram criadas em moldes religiosos para serem boas esposas e boas mães, sem uma educação que estimulasse seu pensamento crítico. Em meio a essa sociedade, Amélia, ao ser conduzida a sucumbir ao pecado, sofre com as consequências de seus atos, enquanto Amaro sai impune.

**Palavras-Chave:** Eça de Queiroz; O Crime do Padre Amaro; Sociedade Oitocentista; Amélia.

## 1. Contextualizando a obra *O crime do padre Amaro*

*O Crime do Padre Amaro*, publicado em 1875 por Eça de Queirós, é uma importantíssima obra que permite contextualizar, analisar e entender a sociedade portuguesa oitocentista. O romance, no entanto, possui três versões, como analisa a pesquisadora Aline Leal Mota em sua dissertação de mestrado intitulada “Anticlericalismo em mutação: as três versões de “O Crime do Padre Amaro” (1875-1876-1880), de Eça de Queirós” defendida em 2014. Em sua leitura, Aline define que “a primeira versão da obra, publicada em capítulos na *Revista Ocidental*, em 1875, parece um tanto soturna” (Mota, 2014, p.29). As versões seguintes, a segunda de 1876 e na terceira de 1880 “[...] mostram um escritor em processo de amadurecimento” (Mota, 2014, p. 88) que permanece com algumas das contradições, como o escancaramento de uma sociedade excessivamente cristã e patriarcal, mas Eça, enquanto escritor, não é mais o mesmo, como a autora o define.

A obra tornou-se uma questão controversa, sendo até mesmo considerada a mais polêmica de Eça, pois toca em um tema sensível para época: o celibato exigido pela igreja para os rapazes que seguiam carreira religiosa. Eça narra no romance um certo desejo, seu e que poderia até ser de outros, de construir uma sociedade laica. No entanto, pensar um país que nasce sob o pilar da religião, distanciado de suas ligações políticas com o clero, resultou em protestos da Igreja Católica em Portugal.

O romance de Eça, sob a corrente literária realista-naturalista, dialoga em alguma medida com o modelo dos mestres franceses, como Zola em *A besta humana*, e as leis do determinismo propagadas por Taine. No entanto Eça não segue a risca o modelo de Zola, subvertendo-o de diversas formas. O livro aponta e denuncia a hipocrisia da burguesia portuguesa, com ênfase na deturpação dos valores religiosos: Eça faz críticas severas ao clero e ao modo corrompido com que estes homens exercem suas funções. O cenário criado pelo autor em relação aos padres é o mais sombrio e repulsivo possível. Nas figuras de Brito, Natário, Dias e Amaro encontramos sacerdotes sem escrúpulos, que não hesitam em manipular a sociedade a fim de ganhar vantagens, acarretando na perpetuação de valores morais e sociais viciosos, como consequência desse abuso de poder.

A narrativa de *O crime do padre Amaro* acontece na província de Leiria e marca a morte de princípios de uma sociedade corrompida. O romance se passa em uma das cidades onde Eça de Queirós foi administrador do Concelho, logo, pressupõe que o autor pretendia

fazer de sua história um documento sobre os costumes de uma comunidade dominada por uma religiosidade torpe. O comportamento social das personagens do romance marca a hipocrisia dessa sociedade. Quase todos são hipócritas, tanto os padres quanto as senhoras de Leiria. Pode-se constatar que a morte de princípios está relacionada à ausência de autênticos preceitos religiosos, éticos e morais.

Essa ruptura de valores ocasiona o envolvimento amoroso dos protagonistas do clássico queirosiano, Amaro e Amélia. Amaro não escolheu ser padre. Seu destino foi traçado pelas escolhas da marquesa de Alegros. Já em Amélia podemos enxergar uma personagem que sofre as consequências de seu meio social. Ela é fruto de uma sociedade decadente, que usa a religião para aprisionar as mulheres em um local permissivo que estimula a submissão das mulheres, à mercê dos desejos dos homens. Assim, a obra ilustra de modo realista e anticlerical, o amor proibido entre os dois, fadado à tragédia por ir de encontro aos preceitos tradicionais da igreja católica.

No entanto, a história de *O crime do padre Amaro* não tem como finalidade apenas narrar o romance ilícito entre Amélia e Amaro. Na obra, Eça de Queirós busca se localizar em seu tempo, isto é, dialogar com ele e com suas mudanças. No romance, o autor não privilegia uma visão primária da relação entre história, literatura e ficção, mas faz alusões para discorrer sobre uma crise social e política que resulta em um cenário de decadência da igreja católica em Portugal. Para isso, ao longo da narrativa ele propõe observar como as partes detentoras de poder do sistema social vigente, como os burgueses, os políticos, os aristocratas, os sacerdotes da igreja católica, são indivíduos que se utilizam de maneira hipócrita do discurso religioso – e isso parece ainda ter bastante eco na sociedade atual – e como a forma com que seguem esse discurso de forma ferrenha, os faz cair em contradição ao que pregam.

Esse desejo de Eça condiz com as ideias deterministas divulgadas por Taine, visto que o pensador francês acreditava que os seres humanos não são indivíduos propriamente, mas temperamentos dominados pelo instinto e pelo meio social, que lhes determinam o modo de agir.

## 2. Contexto histórico e a importância de Eça de Queirós

Levando em consideração o contexto histórico e social, pode-se constatar que no século XIX Portugal estava inerte e resistente a todas as mudanças que ocorriam nos outros países da Europa. A conjuntura portuguesa mantinha-se estagnada em classes sociais decadentes e distintas – aristocracia, a nobreza e o clero – que possuíam diferentes meios de exercer poder e resistiam a essa nova classe que surgia – a burguesia – como classe detentora de algum poder econômico ou político. Inúmeros são os trabalhos que pensam o panorama dessa nova sociedade portuguesa. A professora Mônica Figueiredo em seu livro *No corpo, na casa e na cidade* (2011) diz que:

Com o declínio da aristocracia e a ascensão da burguesia, a sociedade oitocentista passa a estar marcadamente preocupada com o indivíduo, e a res publica transforma-se num valor passado. Os dessemelhantes e desconhecidos tornam-se uma ameaça, um perigo que deve ser evitado por grupos que deve ser evitado por grupos que ficam cada vez mais exclusivos. (Figueiredo, 2011, p. 87)

A partir da leitura desse trecho, é possível perceber que essa sociedade começou a criar mecanismos de controle para estabelecer uma relação de estabilidade nessa organização política que não incluía essa burguesia recém surgida e que tentava ao máximo excluir diversos grupos sociais. Mas mais do que isso, houve uma tentativa da própria estrutura da cidade para tentar manter o status quo. Há uma série de estudos que traçam um panorama desse período da sociedade portuguesa, seja do ponto de vista histórico, seja do ponto de vista social, político e literário. Aqui, gostaria de destacar o trabalho de Penha Heloiza de Oliveira, em sua dissertação *O mundo interior em O Crime do Padre Amaro de Eça de Queiroz*, onde ela pontua que esse panorama só muda com a disseminação do movimento realista, que traz para sociedade portuguesa os novos ares oriundos do mundo:

Inicialmente Portugal como um país dominado pelo clero, permaneceu estático e imune a todas as mudanças e tendências que revolucionaram os países europeus. Assim quedou-se pelo menos até a segunda metade do século XIX, quando o movimento realista se instalou nesse país e trouxe na bagagem as novidades existentes no mundo. A sociedade portuguesa estratificada se mantinha em classes sociais distintas, com o poder nas mãos da aristocracia, e ainda com predomínio da nobreza e do clero que também dividiam o poder (Oliveira, 2006, p. 29).

Não há como não citar, também, o trabalho da Professora Isabel Pires de Lima e sua vasta obra que trata do movimento realista português. Mas, o que destaco a partir do trecho de Penha é que o movimento realista, que tem início na França, de 1857, tomando como marco inicial a publicação do romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, só surge com seus ares em Portugal pelos anos de 1864 e 1865. Nesse momento o romantismo já se esgotava como forma de expressão literária e o liberalismo já havia se consolidado. No entanto, o povo português conservava os mesmos valores morais de sociedade ainda feudal e não progredia do ponto de vista econômico, tecnológico e social. No campo literário surge a Geração de 70, grupo formado por nomes como Antero de Quental, Eça de Queirós, Teófilo Braga, que, insatisfeitos com a inércia presente em Portugal, em comparação aos avanços do restante da Europa, lutam por melhorias e têm papel decisivo em uma perspectiva de mudança da então ultrapassada sociedade portuguesa.

Discípulos das ideias de Taine, Comte e Proudhon, a geração de 70 se posiciona contra o romantismo a fim de trazer novos ares e movimentar o meio cultural português. De um lado temos Castilho, escritor romântico português, que defende os valores ultrapassados, e do outro lado temos a geração de Coimbra, formada por Antero e os realistas. Apesar de toda polêmica e resistência, o realismo vence e *O crime do padre Amaro* se constitui como grande marco do movimento em Portugal.

Nessa perspectiva, torna-se possível, através da obra de Eça, compreender o autor como uma figura que se posiciona contra as instituições vigentes na época, principalmente a burguesia e a igreja. Penha Heloiza de Oliveira (2008) define a Igreja como detentora de poder espiritual, que agregava a si o poder temporal e exercia grande influência na formação do caráter das pessoas, o que favorecia a manipulação das consciências. Essa influência da Igreja sobre o indivíduo era o alvo principal das críticas queirosianas. O romancista utiliza a sua escrita para denunciar e censurar aspectos relacionados à religiosidade, à representatividade social do clero, à dominação espiritual e à violência psicológica causada por essas figuras eclesiásticas. Eça escancara o abuso da moralidade cristã e o quanto esses fatores citados anteriormente interferiram em outras mazelas sociais, como a pobreza, a desigualdade e a representação social marginalizada da mulher.

A vida contemporânea da sociedade oitocentista portuguesa é o campo de análise favorito de Eça de Queirós e através do realismo ele consegue caracterizar a decadência social de Portugal, tendo como principal objetivo a busca da verdade, a justiça e a reestruturação dos

valores e costumes. Apesar de se posicionar como um crítico feroz das instituições, Eça não descrê delas. O seu posicionamento é justamente para mostrar e escancarar o mau uso que indivíduos inescrupulosos fazem dessas instituições. Em *O crime do padre Amaro* podemos ver sua posição contrária à utilização dos sacramentos religiosos com fins pessoais e a má formação da família.

A respeito da formação da família podemos analisar também a representação social da mulher na sociedade oitocentista. Torna-se viável colocar Eça como um aliado influente do sexo feminino, pois o autor escrevia sobre mulheres e para mulheres. Ao criticar as instituições e seus falsos valores, que sempre colocavam as mulheres em um local à margem, subalterno, Queirós chama atenção para as necessidades e os direitos femininos. Ao escrever sobre as fantasias, os desejos, os amores e as frustrações das mulheres, temáticas anteriormente inaceitáveis na literatura, Eça tira o gênero feminino do completo isolamento.

Na tese *A mulher e o discurso masculino nos romances de Eça de Queirós*, Daiane Cristina Pereira constata que Eça representa realisticamente em suas obras as relações entre homens e mulheres no século XIX, com o objetivo de mostrar a opressão sofrida pelo sexo feminino:

[...] parte da crítica toma o narrador queirosiano como essencialmente masculino e acaba por conceber suas personagens femininas como mulheres passivas, ociosas, lascivas, entre outras características negativas, que não revelariam um entendimento mais aprofundado da parte do autor da condição das mulheres do século XIX na sociedade ocidental, em especial, na sociedade portuguesa, ou seja, não se dá conta de como Eça de Queirós, tentando descrever realisticamente a sociedade burguesa, acaba por reproduzir de forma crítica a representação estereotipada e petrificada que lhes é impingida pela dominação masculina, promovendo a denúncia dessa dominação (Pereira, 2019, p.9).

É possível perceber, a partir dessa leitura, que algumas das personagens de Eça cabem em uma classificação que as coloca de forma estereotipada. A partir dessa leitura, podemos perceber que essa é uma estratégia do autor de censurar e denunciar a dominação de uma sociedade patriarcal e machista, e, com isso, o narrador queirosiano assume um olhar a partir do masculino e as personagens femininas, criadas por esse narrador, nos são descritas como passivas, ociosas, lascivas, entre tantas outras características negativas. O cenário das obras de Eça retrata o panorama de seu século, ao qual o homem pertence e em que atua, especificamente na sociedade portuguesa, como cidadão ativo e participativo, e por outro lado, o sexo feminino representa um ser passivo e secundário na vida social do país.

Podemos analisar essa conjuntura de duas formas. Para Luís de Oliveira Guimarães, em *As mulheres na obra de Eça de Queirós*, trabalho feito no século XX, no início dos anos 40, Eça concede um tratamento moral às suas personagens femininas de modo que a trajetória delas sirva para educar a sociedade portuguesa, dotada numa visão ainda machista. Já na década de 70, após a virada feminista, em *A mulher no romance de Eça de Queiroz*, Francisco J. C. Dantas leva em consideração a questão do lugar social, constatando que a passividade das personagens femininas seria uma consequência do meio opressor em que estavam inseridas. Assim, ao reproduzi-las, Eça estaria atacando as bases, hábitos e convenções das instituições burguesas. Nessas duas ópticas é possível pensar que a obra de Eça traz um olhar crítico para essa sociedade onde o modelo construído para mulheres da época era o lugar da submissão e passividade, sendo totalmente voltadas ao preparo para serem boas esposas e mães. A obra de Eça lança uma provocação a esse modelo, podendo ser considerada uma visão preliminar, mesmo que masculina, de crítica, como forma de construir um outro pensamento de mundo para a modificação desse panorama. Ainda como homem, Eça pode, em sua escrita, apresentar reforços do comportamento machista e patriarcal em seus escritos, mas é preciso reconhecer que há um movimento que busca a mudança desse paradigma de ser mulher em meio a uma sociedade que se pensa e pretende assim permanecer estática.

### **3. A mulher na sociedade e na literatura portuguesa no século XIX**

Há duas palavras que representam a condição da mulher na sociedade oitocentista portuguesa – que vale repetir era, e ainda é, extremamente católica: submissão e domesticidade. Elas eram destinadas aos papéis de inferioridade em relação aos homens, uma vez que se acreditava, por definição, que a mulher era uma criação divina, feita da costela de Adão – como cita o livro do Gênesis, primeiro livro da Bíblia – e criada apenas para ser companheira do homem. Já no campo da domesticidade, no ambiente privado do lar, era de sua responsabilidade um conjunto de deveres e obrigações referentes à vida doméstica e às obrigações maternas. Ainda que pós-revolução industrial as mulheres passassem a ser força de trabalho, suas posições eram – e ainda podemos dizer que são – bastante subalternizadas.

É importante frisar que essa condição, muito imposta pelos ensinamentos religiosos, onde a mulher deve-se pôr em uma posição de servidão em relação aos seus homens lhes era conveniente. O casamento, a construção familiar e o amor eram as aspirações máximas que

uma mulher poderia ter, porque a independência ainda era uma realidade distante para as jovens portuguesas (e não só) do século XIX, que estavam presas ao papel de submissão em relação a uma figura masculina, que de início era a figura paterna e depois a figura de um marido.

A conjuntura social do século XIX coloca as mulheres em uma perspectiva de vítimas de seus núcleos familiares, pois a repressão dos desejos sexuais femininos era uma forte característica desse período. Para elas eram proibidas todas as práticas comuns da vida e as manifestações de afeto, sobretudo as sexuais. Mesmo os afetos eram controlados. O destino das mulheres até então era o de serem donas-de-casa, esposas e mães; logo, pode-se constatar que o puritanismo norteia essa época e os autores começam a explorar todos esses temas relacionados às questões femininas na literatura, questionando a posição das mulheres na sociedade.

Entre 1871 e 1873, Eça de Queirós, juntamente com Ramalho Ortigão, publicou um conjunto de textos intitulado *As farpas*. Nesse material os autores executam um desenho crítico da educação das mulheres em Portugal: “em Portugal, uma mulher, excluída da política, da indústria, do comércio, da literatura, pelos hábitos ou pelas leis - fica apenas de posse de um pequeno mundo moral, seu elemento natural - a família” (p. 422). Levando em consideração que a educação feminina acontecia no seio familiar, podemos constatar que a educação formal era uma realidade distante, o que acarretava sonhos impossíveis às mulheres, visto que elas não alcançariam a “liberdade profissional” pelo fato de a sociedade colocá-las em uma condição de total isolamento. Essa ausência de autonomia em relação ao trabalho também é explorada por Maria Antonieta Cruz em *Olhares sobre o Portugal do século XIX*:

Mesmo mulheres culturalmente mais evoluídas manifestam, com alguma frequência, reservas em relação ao trabalho feminino pelo prejuízo que ele acarretaria para a família e para a própria mulher, que, com isso, perderia características fundamentais que a singularizavam (Cruz, 2012, p. 33-34).

Esse posicionamento mostra como um todo a construção cultural e social que as mulheres portuguesas – e de modo geral, as do mundo todo – recebiam no século XIX. Havia um imaginário social que as preparava para os únicos papéis possíveis: os de esposa e mãe. Já em relação aos valores morais, a educação feminina era norteadada pela religião: as jovens seguiam os preceitos católicos e aprendiam a rezar, recitar orações, se ajoelhar etc. Discursivamente, a igreja mantinha um posicionamento de crença na fé como forma de viver e um regime de expiação dos pecados e punição – por meio da confissão – e autovigilância,



como forma de não sucumbir às tentações. Mas faz-se necessário pensar que essa mesma sociedade que pretendia, por meio dessa crença quase cega na fé e nos preceitos divinos, domesticar os corpos das mulheres, limitando-as ao lar e ao bom comportamento de esposa, era inteiramente atravessada por contradições éticas e morais que, em grande medida, os que a difundiam paradoxalmente não praticavam aquilo que pregavam. As incoerências na doutrina religiosa não estimulavam nessas mulheres um posicionamento crítico em relação à sociedade, deixando-as condenadas a seguir seus instintos, ou serem manipuladas por aqueles que detinham o discurso de poder, como foi o caso de Amélia em *O crime do padre Amaro*.

A formação religiosa que recebiam as mulheres portuguesas servia também para reforçar o estereótipo de submissão e domesticidade que a sociedade oitocentista esperava do comportamento feminino. A vida pública, política e social era um espaço reservado apenas aos homens, então, a religião era um papel muito importante na vida das mulheres. A prática religiosa era vista como uma ocupação respeitável e que preenchia o tempo ocioso do sexo feminino. Os padres tinham forte influência nesse cotidiano, porém alguns não tinham vocação para a vida celibatária e usavam do confessionário para satisfazer suas curiosidades sobre o íntimo feminino. Logo, essa dominação religiosa tinha início nos confessionários das igrejas e prolongava-se ao íntimo dos lares de uma forma viciosa e corrompida.

Outro fator que podemos considerar que não estimulava o senso crítico das mulheres era a formação romântica que elas recebiam. Excluídas do acesso ao estudo e às ciências, o sexo feminino ficava à mercê da imaginação incitada pelos romances, que colocavam os homens como heróis que salvariam as mulheres de sua própria insignificância. O romantismo perpetuava a condição idealizada e frágil das mulheres, o que persiste também no ideal de que o casamento era o ápice de felicidade que elas poderiam alcançar. A falta de perspectiva as colocava em um local de ociosidade, o que despertava inúmeras fantasias que jamais seriam vividas. Logo, tanto a formação religiosa quanto a formação romântica encaminharam essas mulheres ao único papel possível à época, o de alicerce e apoio ao sexo masculino.

Ademais, a moral do corpo social oitocentista português era impiedosa e cruel em relação às mulheres e a literatura do século XIX escancara este fato, como podemos observar nas obras queirosianas. Suas protagonistas, Luísa, Maria Eduarda e Amélia são personagens sonhadoras, que fantasiam a realidade e a partir disso praticam “crimes” contra os valores morais da época e, conseqüentemente, são severamente punidas e caem em desgraça. As personagens ecianas são construídas como uma crítica à sociedade portuguesa e na figura de

Amélia podemos constatar a censura que Eça faz à formação religiosa das mulheres oitocentistas.

Podemos analisar como a influência religiosa permeia o comportamento de S. Joaneira e Amélia, personagens de *O crime do padre Amaro*, e, mais uma vez, pode-se constatar o quanto o catolicismo reforça o estereótipo da mulher submissa e domesticada. Mãe e filha vivem em um cotidiano absorvido por uma religiosidade corrupta, em que a servidão aos padres foge aos ideais católicos. Logo no início do romance, Eça deixa nas entrelinhas que há um envolvimento amoroso entre a S. Joaneira e o Cônego Dias, e o mesmo destino nefasto seria a sina de Amélia, que também viveria um romance pecaminoso com Amaro.

#### **4. A religião como norte do comportamento das personagens de *O crime do padre Amaro*.**

Antes de aprofundar a influência do meio na obra de Eça e analisar a similaridade de comportamento e destino de S. Joaneira e Amélia, personagens femininas mais relevantes de *O crime do padre Amaro*, é necessário discorrer sobre a influência da religião e da igreja católica na construção de todas as personagens da narrativa do clássico português. De princípio é válido pontuar que a literatura eciana sempre foi porta voz de críticas à instituição católica, pois o autor mostrava-se descontente com a dominação que o catolicismo exercia sobre a sociedade portuguesa. No clero de Leiria é possível enxergar os principais aspectos que Eça condenava e considerava incorretos na religião e isso se reflete no comportamento das beatas da obra, pois essas personagens eram frutos de uma sociedade adoecida e hipócrita, cujos valores eram norteados pelo falso moralismo dos padres.

Analisando o grupo de beatas do romance, com exceção de S. Joaneira, percebe-se que todas as mulheres não eram nem mães nem esposas, e essa condição as colocava em posição de necessitar de uma rede de proteção, visto que, no século XIX, as mulheres ainda estavam em um patamar de submissão em relação aos homens e precisavam do amparo deles. O grupo encontra essa rede de apoio e proteção nos padres. Assim, as personagens tornam-se servas obedientes dos valores deturpados do clero de Leiria. Desse modo, estas mulheres assumem os valores e princípios morais corrompidos dos sacerdotes e reproduzem a religião da mesma forma que eles.

O comportamento das beatas do romance, segundo Francisco J. C. Dantas, irá destacar a hipocrisia da sociedade portuguesa. O grupo repete o discurso dominador do clero e exerce a religião de modo superficial, supersticioso e até mesmo repleto de rituais fetichistas, e

dissimulam na religião seus comportamentos reprováveis. Apesar das diversas semelhanças psicológicas e comportamentais que unem essas mulheres, na trama cada uma delas é descrita de um modo diferente e suas funções no contexto e seguimento da narrativa são abordadas separadamente.

As irmãs Gansosas são a personificação do tipo de mulher que no século XIX ficava à margem do meio social por não ter conseguido o dito sucesso: casar e ter filhos. A presença delas na história não é tão significativa, porém ambas aparecem constantemente na casa da S. Joaneira. Uma característica do realismo fortemente presente na obra é a descrição detalhista e minuciosa da aparência das personagens. D. Joaquina Gansoso é caracterizada como uma mulher pouco atraente, de voz impositiva e cheia de opiniões, o que já configura uma quebra do ideal feminino do século. Sua irmã, D. Ana Gansoso, é desenhada de modo um pouco mais belo, porém é surda e quase não fala, e, diferente de D. Joaquina, não mostra insubordinação perante o sexo masculino, pois cumpre o papel doméstico esperado, visto que em suas aparições na trama estão sempre ajudando a cortar papéis para forrar as caixas de doces na casa de S. Joaneira.

D. Maria de Assunção tem uma função mais privilegiada no grupo de beatas, principalmente se compararmos a sua condição à de S. Joaneira, pois é uma viúva rica e não necessita de ajuda financeira, como a mãe de Amélia. A mulher seguia a cartilha do que era esperado do sexo feminino, seu comportamento era submisso e obediente, para poder participar do jogo estabelecido pelos homens e pelo clero de Leiria. Sua posição financeira a colocava em um patamar confortável e ela tinha possibilidade de ter tudo que desejava, como o amor e o sexo. No final do romance, descobre-se que ela arranhou um amante e o sustenta financeiramente. Em relação às características físicas, as descrições de suas vestimentas indicam que ela é uma senhora que segue as regras de etiqueta da época, já sua casa é repleta de santos e relíquias, o que mostra seu forte apreço pela religião. Porém, como quase todas as personagens da obra, ela exerce equivocadamente sua religiosidade, visto que ao longo da trama, se mostrou simpática ao romance de Amaro e Amélia, ignorando o voto de celibato do padre.

D. Josefa é irmã do Cônego Dias e possui uma certa importância na obra, se compararmos, por exemplo, com a pouca influência das irmãs Gansosas. Podemos especular que, das personagens femininas, a mulher foi quem “conquistou” a antipatia do narrador, pois além de ser descrita como alguém muito feia, sua personalidade é construída de modo amargo

e suas atitudes ao longo da história demonstram isso. Ela tem destaque na propagação das intrigas em Leiria, seus comentários são extremamente maldosos e às vezes suas intrigas sequer são verdadeiras. O caráter de D. Josefa está relacionado aos valores morais do Cônego, a condição de “solteirona” a faz dependente de seu irmão, o que a coloca em um patamar de submissão a ele. Quando ela tenta contestar qualquer atitude errada por parte dele, é silenciada. Essa repressão se reflete até mesmo no modo como ela pratica a religião. Suas atitudes constantemente são más e vingativas, o que acarreta a ruptura dos preceitos básicos da doutrina católica (e cristã), como a compaixão, a humanidade e o amor.

Outro aspecto relevante sobre a D. Josefa é a sua posição na vida de Amélia. A senhora é madrinha da jovem e esse fato torna-se importante em alguns acontecimentos da obra, porque Amaro o utiliza em benefício próprio. A proximidade com o Cônego Dias e a própria condição de pároco de Leiria garantem a Amaro um patamar confortável para manipular a senhora. Podemos constatar essa manipulação quando ele a induz a persuadir Amélia a fazer suas confissões com ele e não mais com o padre Silvério. No final do romance, mais uma vez Amaro manobra D. Josefa, pois a convence a abrigar Amélia grávida e guardar o segredo do crime que ambos cometeram. A conivência e o silêncio da senhora é reflexo do adoecimento de uma sociedade que normalizou os desvios e o abuso de poder dos padres.

A integrante do grupo de beatas que mais se diferencia das citadas anteriormente é S. Joaneira, visto que sua situação a coloca em uma posição mais delicada que as outras. A senhora é viúva, mãe de dois filhos, um já falecido e Amélia, a protagonista feminina do romance. O fato de ter perdido o marido colocou-a em uma perspectiva marginalizada, pois a mulher no século XIX precisava de uma figura masculina para consolidá-la e protegê-la na sociedade. Essa ausência, além de acarretar um desprestígio social, coloca S. Joaneira em uma condição de dificuldades financeiras, o que a leva ao papel de concubina do cônego Dias para garantir a sua sobrevivência e uma posição respeitável em Leiria.

O relacionamento de S. Joaneira com o Cônego Dias pode ser visto como consequência da vulnerabilidade social e econômica da mãe de Amélia. Não é da natureza da senhora envolver-se com um padre, porém seu meio social, em meados do século XIX, a coloca nessa posição. O olhar que os padres têm em relação à S. Joaneira foge da perspectiva do discurso religioso, pois, perante a igreja católica, esses sacerdotes deveriam encaminhar os fiéis em direção à doutrina que, segundo suas crenças, lhe concederia a dita salvação eterna,

porém não é isso que acontece. Eles enxergam as mulheres com desejo e as encaminham para um destino contrário aos dos preceitos religiosos. Em alguns momentos no romance pode-se perceber que tanto o olhar do Cônego quanto o de Amaro colocam a S. Joaneira como uma mulher pública, indigna de respeito e suscetível a ser dominada e humilhada.

A descrição de S. Joaneira na história é feita por meio de uma dualidade: tanto o narrador quanto as outras personagens da obra a colocam, ora em uma posição positiva, ora em uma posição negativa. É inegável que a senhora é uma boa mãe para Amélia, ela assume um papel nada confortável ao se relacionar com o Cônego a fim de garantir uma boa sobrevivência, educação e futuro para ela, mas principalmente para a filha. Pode-se constatar uma omissão em relação a Amélia quando ela não enxerga o relacionamento da jovem com Amaro, ou é, pelo menos, condescendente. Essa condescendência, porém, pode ser um mecanismo de defesa da personagem em não querer ver que sua filha está fadada a ter o mesmo destino que o seu, até mesmo um destino pior, pois o pecado de Amélia terá como consequência a morte, tanto da jovem quanto do filho recém-nascido.

Sintetizando as características das personagens femininas citadas acima conseguimos encontrar similaridade em suas trajetórias. Em *A mulher no romance de Eça de Queiroz*, Francisco J. C. Dantas analisa o comportamento dessas mulheres, levando em consideração que todas pretendem camuflar suas atitudes reprováveis na religião:

Daí podemos dizer que, na sociedade burguesa em geral, as mulheres que têm algo a esconder do convívio mundano procuram preservar a reputação que estão em vias de perder através da rotina religiosa. A igreja atua aí como sombra protetora que camufla os desvios daquelas que recorrem a seu aval, receosas de que o crédito pessoal seja desautorizado. Além disso, a prática devota comparece então como a forma eficaz de garantia de salvação da alma que, nessa situação, a senhora burguesa está sempre na iminência de perder, assim que desça os degraus de saída do templo santo (DANTAS, 1999, p. 144).

A religião é o elo que une essas mulheres, pois, como já dito anteriormente, as mulheres do século XIX não eram livres para exercer muitos afazeres. Por conseguinte, ir à igreja e estar no convívio de padres era algo considerado respeitoso, por isso, elas agarravam-se a esse cotidiano. No entanto, havia uma ruptura dos valores cristãos por parte do clero e isso influenciava na conduta dessas personagens, todas acabam reproduzindo as ideias e costumes viciosos desses sacerdotes. Portanto, ao analisar individualmente e coletivamente o grupo de beatas de Leiria somos capazes de constatar que o comportamento hipócrita de cada uma delas é característico do meio em que vivem.

## 5. A influência do meio em *O crime do padre Amaro*

A análise da influência do meio social perante o indivíduo é fundamental para compreender as personagens do romance realista de Eça de Queirós. Segundo Massaud Moisés (1999), todo ser vivo estaria à mercê das mesmas leis universais que regem os seres inanimados e, dessa forma, o homem estaria submetido às condições gerais de vidas existentes no planeta. Esse condicionamento pode ser observado nos protagonistas de *O crime do padre Amaro*, como Massaud Moisés pontua em um trecho de *A Literatura Portuguesa*:

O Crime do Padre Amaro passa-se em Leiria, uma pequena vila de província, beata e soturna, onde um padre corrupto seduz e leva à morte a infeliz e ingênua Amélia, sob a proteção do confessor e da superstição: aqui a análise impiedosa do clero revela-o deteriorado como, aliás, estava toda a estreita sociedade provinciana, porque erguida sobre falsos preconceitos e uma moral de ocasião (p. 283, quarta edição, 1999.).

Tanto Amaro quanto Amélia são frutos do contexto social nocivo de Leiria, ambiente entranhado por uma ideologia religiosa corrupta e viciosa. Na visão bakhtiniana a ideologia é um conceito inacabado, que não está pronto e nem presente na consciência individual do homem. Oliveira (2008) constata que Bakhtin entendia a ideologia como uma falsa consciência, um disfarce que obscurece a verdade, a realidade social e não permite a percepção das contradições que são fruto da existência de diferentes classes sociais. Esse entendimento do autor a respeito do conceito de ideologia se mantém semelhante aos princípios religiosos presente em Leiria, onde a classe que detém o poder, no caso, o clero, perpetua a obscuridade de valores a fim de manter a sociedade na forma em que ela se configura.

Nota-se ao longo da obra que todos os valores pregados pela igreja católica não são seguidos de forma íntegra pelos membros do clero de Leiria. Nesta província, os padres pervertem os preceitos católicos em prol de seus desejos e benefícios, a fim de garantir que a sociedade continue organizada de modo a ser facilmente dominada e controlada por eles. Este ambiente contraditório cria uma cena onde a corrupção dos valores dos protagonistas, Amaro e Amélia, que se adequam ao meio que estão inseridos, e fingem ter virtudes que não possuem.

No terceiro capítulo do romance há a descoberta de que o destino de Amaro não foi escolhido por ele. O menino nasceu na casa da Marquesa de Alegros, filho de dois criados, aos seis anos fica órfão e é adotado pela marquesa. O rapaz era descrito como “mosquinha

morta, medroso e preguiçoso” e não mostrou relutância aos desejos da senhora, pois quando a marquesa morre de apoplexia, deixa em seu testamento que aos quinze anos Amaro deveria entrar no seminário e futuramente se ordenar padre. Assim, é a beata que o encaminha para a vida eclesiástica, e a personalidade fraca de Amaro fez com que ele não questionasse a escolha da marquesa, porém, em seu íntimo, havia um descontentamento pela vida clerical, como analisamos no seguinte trecho: “Por esse tempo começava a sentir um certo afastamento pela vida de padre, porque não poderia casar. Já as convivências da escola tinham introduzido na sua natureza efeminada curiosidade, corrupções” (p. 34).

O celibato, voto que obriga os padres a permanecerem castos, era o principal fator que afastava Amaro da vida no clero, pois, como visto no parágrafo anterior, estava em seu íntimo o desejo que ele nutria de poder se casar. Outro ponto importante na construção do personagem é a criação que ele recebeu no lar da marquesa de Alegros. Torna-se importante frisar que nesse lar Amaro não encontrou comportamentos semelhantes aos preceitos pregados por Cristo, visto que não era um meio modesto e simples, o que o afastava ainda mais dos valores morais necessários para tornar-se padre. O menino cresceu cercado pelas vaidades das filhas da marquesa e pelos cuidados das criadas. Amaro estava quase sempre cercado apenas por mulheres, como podemos analisar:

As criadas de resto feminizavam-no; achavam-no bonito, aninhavam-no no meio delas, beijavam-no, faziam-lhe cócegas, e ele rolava por entre as saias, em contato com os corpos, com gritinhos de contentamento. Às vezes, quando a senhora marquesa saía, vestiam-no de mulher, entre grandes risadas; ele abandonava-se, meio nu, com os seus modos lânguidos, os olhos quebrados, uma roseta escarlate nas faces. As criadas, além disso, utilizavam-no nas suas intrigas umas com as outras: era Amaro o que fazia as queixas. Tomou-se enredador, muito mentiroso (p.31).

Envolto em um ambiente sensual e feminino, a personalidade de Amaro é construída de modo a torná-lo apático e passivo, extremamente preguiçoso e facilmente dominável. O jovem aceitaria qualquer destino que lhe fosse imposto, mesmo já possuindo o discernimento de seus desejos contrários à vida celibatária. Desse modo, quando a marquesa de Alegros o encaminha para o sacerdócio, ele não mostra resistência à vestimenta eclesiástica, pois o convívio com o clero lhe mostrou que ser padre não exigia sacrifícios nem lástimas, podendo até mesmo ser uma vida bastante prazerosa. Os sacerdotes fazem, em sua maioria, parte de uma camada social abastada e privilegiada, composta majoritariamente por títulos nobres e pessoas afortunadas. Embora também pudessem chegar ao sacerdócio os filhos de famílias

pobres por conta da garantia de boa educação e emprego. Iicialmente o destino de padre foi bem quisto por Amaro, porque assim ele estaria sempre em um ambiente farto rodeado de senhoras.

No entanto, no decorrer do seminário, torna-se nítido que Amaro está lá mais por comodismo do que por convicção. A sua sexualidade constantemente entra em conflito com o voto de castidade, seu desejo por mulheres torna-se constante e a coibição do seminário potencializa suas vontades. A vida eclesiástica impede-o de ter acesso às coisas comuns de um homem, e ao longo da obra podemos observar que ele nutre um ressentimento por esta condição e chega a maldizer a influência da marquesa em seu destino, fazendo-o invejar tudo o que lhe era proibido.

Quando Amaro se mudou para Leiria, hospedou-se na casa da S. Joaneira, lugar arranjado pelo Cônego Dias, que fora seu Mestre de Moral nos primeiros anos de seminário. O Cônego julgava que essa mudança seria um belo negócio para a S. Joaneira, mas o coadjutor havia alertado que a senhora tinha uma filha jovem, Amélia, e que o fato de o pároco ser também um homem novo poderia causar uma má impressão perante a sociedade. Desde o início surge um interesse mútuo entre o padre Amaro e a menina Amélia e esse interesse por si só já caracteriza o crime cometido pelo padre Amaro, já que, ao se interessar por alguém, ele está indo contra todos os princípios religiosos, éticos e morais da vida eclesiástica. Nota-se no trecho a seguir como a percepção do coadjutor estava certa e que a proximidade de dividir o mesmo ambiente despertaria o desejo de Amaro em viver um romance com Amélia:

Amaro achava aquelas unhas admiráveis, porque tudo que era *ela* ou vinha *dela* lhe parecia perfeito: gostava da cor dos seus vestidos, do seu andar, do modo de passar os dedos pelos cabelos, e olhava até com ternura para as saias brancas que ela punha a secar à janela do seu quarto, enfiadas numa cana. Nunca estivera assim na intimidade duma mulher. (...) Ao pé dela, muito fraco, muito langoroso, não lhe lembrava que era padre; o Sacerdócio, Deus, a Sé, o Pecado ficava embaixo, longe, via-os muito esbatidos do alto do seu enlevo, como de um monte se veem as casas desaparecer no nevoeiro dos vales; e só pensava então na doçura infinita de lhe dar um beijo na brancura do pescoço, ou morder-lhe a orelhinha (p.71-72).

De igual modo, assim como Amaro, a vida de Amélia é marcada pelo meio religioso, constata-se esse fato no trecho: “Foi assim crescendo entre padres” (p.58). Desde a infância a menina tem contato com o clero, entre histórias de romances impossíveis de padres e freiras,



até visitas de sacerdotes em sua residência. Assim, o caráter e a personalidade da jovem é formado e deformado por esse convívio. Para Amélia, Deus é um senhor cruel ao qual ela deve toda servidão e obediência:

Já então sabia o catecismo e a doutrina; na mestra, em casa, por qualquer bagatela, falavam-lhe sempre dos castigos do céu; de tal sorte que Deus aparecia-lhe como um ser que só sabe dar o sofrimento e a morte e que é necessário abrandar, rezando e jejuando, ouvindo novenas, animando os padres. Por isso, se às vezes ao deitar lhe esquecia uma salve-rainha, fazia penitência no outro dia, porque temia que Deus lhe mandasse sezões ou a fizesse cair na escada (p.58).

A citação mostra a educação religiosa deformada que Amélia recebia, uma vez que, para ela, os padres representavam, tal qual a doutrina pregava, a figura de Deus na terra. Por isso, acreditava que, ao dedicar seu tempo “animando os padres”, estaria aproximando-se de Deus e evitando o sofrimento de ser castigada por Ele. Essa premissa normaliza a aproximação entre Amélia e Amaro, pois, para a jovem, Amaro torna-se um representante de Deus e qualquer envolvimento dos dois não a fará cair em desgraça, como se nota:

Era este poder divino do padre, esta familiaridade com Deus, tanto ou mais que a influência da sua voz - que a faziam crer na promessa que ele lhe repetia sempre: que ser amada por um padre chamaria sobre ela o interesse, a amizade de Deus; que depois de morta dois anjos viriam tomá-la pela mão para a acompanhar e desfazer todas as dúvidas que pudesse ter S. Pedro, chaveiro do Céu; e que na sua sepultura, como sucedera em França a uma rapariga amada por um cura, nasceriam espontaneamente rosas brancas, como prova celeste de que a virgindade não se estraga nos braços santos dum padre... (p. 220).

Essa crença faz com que Amélia se entregue de corpo e alma a Amaro. Suas ações são movidas pela emoção e podemos enxergar as características realistas na construção de sua trajetória. O movimento realista tem como principal objetivo mostrar o comportamento humano nas circunstâncias que o cercam, ou seja, o realismo considera que as ações humanas são frutos do ambiente social, dos aspectos hereditários e do momento histórico. A caracterização de Amélia segue esses três preceitos, pois a personagem, ao longo do romance, tem uma educação cultural para uma vida que reprime suas capacidades mentais e psicológicas, colocando-a numa espiral do cotidiano, de repetições e inações. Entretanto, Amélia se permite, ao longo do romance de Eça, a atravessar essa sua formação cultural e se lança a um ambiente permissivo, onde ela pode explorar seus desejos, mesmo que seja levado por eles a partir de uma certa manipulação de Amaro. Amélia é fruto de um contexto social de

convívio eclesiástico. Ela herda, por decorrência de seu meio social, ter um envolvimento amoroso com Amaro, visto o relacionamento ilícito que sua mãe tem com Cônego Dias; e o momento histórico faz com que ela siga de acordo com os princípios da sociedade oitocentista e assuma a condição de submissão perante os homens.

## 6. A similaridade entre S. Joaneira e Amélia

*O Crime do Padre Amaro* revela uma sociedade viciosa e faz crítica ao celibato dos padres, ao mostrar os desvios dos princípios religiosos fortemente cometidos, principalmente pelo Cônego Dias e por Amaro. O dever de ambos, como religiosos, deveria ser orientar espiritualmente os fiéis; no entanto, usavam do privilégio de sua condição para seduzir e levar vantagens. Levando em consideração essa perspectiva, podemos colocar S. Joaneira e Amélia como as principais vítimas desse meio que estavam inseridas.

S. Joaneira é a primeira figura feminina descrita na obra e é importante observar que nesse primeiro contato com a personagem são apresentados dois fatos importantes: a senhora recebe hóspedes em sua casa e tem uma filha, Amélia, de vinte e três anos, bonita, forte e muito desejada. Alugar quartos torna-se uma informação bastante relevante, uma vez que, ao receber a notícia da chegada de Amaro, o Cônego Dias prontamente deduz que seria uma excelente ideia o pároco hospedar-se na casa dessa senhora. Logo em seguida, por meio de uma conversa entre o Cônego Dias e o coadjutor, percebe-se que Eça já insinuava a existência de uma relação entre a S. Joaneira e o Cônego:

– É bonita mulher, disse o coadjutor respeitosamente. – Lá isso! Exclamou o cônego parando outra vez. Lá isso! Bem conservada até ali! Pois olhe que não é uma criança! Mas nem um cabelo branco, nem um, nem um só! E então que cor de pele! – E mais baixo, com um sorriso guloso: – E isto aqui! Ó Mendes, e isto aqui! – indicava o lado do pescoço debaixo do queixo, passando-lhe devagar por cima a sua mão papuda: – É uma perfeição! (p.23).

As palavras escolhidas por Eça ilustram, mesmo que discretamente, o desejo sexual que Dias nutre pela senhora. Ao longo da narrativa, é possível observar também a devoção e a submissão que S. Joaneira nutre em relação ao Cônego. A forma como ela cuida dele assemelha-se aos cuidados que uma esposa tem com o marido. E não poderia ser diferente, visto que, além de depender financeiramente dele, a mulher também dependia socialmente.

A condição financeira e até mesmo marginalizada de S. Joaneira coloca-a no papel de amante do Cônego para sobreviver. A mulher, viúva e mãe de Amélia, precisa do status e do suporte financeiro do padre para existir na sociedade de Leiria. Logo, conseguimos enxergar nela os atributos necessários às mulheres oitocentistas: submissão e domesticidade, pois ela representa a figura da mãe, dona-de-casa e anjo do lar. Porém, ela também é representada como cortesã, amante, concubina, trazendo assim ambiguidade para a personagem, que é retratada ora de forma positiva, ora negativa. A dualidade da S. Joaneira e seu relacionamento – que pode ser reprovável em meio a uma sociedade dita cristã, mas que ao mesmo tempo expõe como essa sociedade é atravessada por contradições – com Cônego Dias validam o desejo de Amaro em relação a Amélia, como podemos ver no trecho a seguir:

Nunca suspeitara um tal escândalo! A S. Joaneira, a pachorrenta S. Joaneira! O cônego, seu mestre de Moral! E era um velho, sem os ímpetos do sangue novo, já na paz que lhe deveriam ter dado a idade, a nutrição, as dignidades eclesiásticas! Que faria então um homem novo e forte, que sente uma vida abundante no fundo das suas veias reclamar e arder!... Era, pois, verdade o que se cochichava no seminário, o que lhe dizia o velho padre Sequeira, cinqüenta anos padre da Gralheira: - “Todos são do mesmo barro!” Todos são do mesmo barro, - sobem em dignidades, entram nos cabidos, regem os seminários, dirigem as consciências envoltos em Deus como numa absolvição permanente, e têm no entanto, numa viela, uma mulher pacata e gorda, em casa de quem vão repousar das atitudes devotas e da austeridade do ofício, fumando cigarros de estanco e palpando uns braços rechonchudos! (p.76).

Assim, a relação ilícita entre a S. Joaneira e o Cônego Dias acaba influenciando no destino trágico de Amélia. Além de ter sido ideia do Cônego alojar Amaro na casa da senhora para se beneficiar e diminuir a quantidade de dinheiro que dava a sua concubina, também foi o comportamento que deixou implícito para Amaro que era inevitável conviver com essas mulheres sem criar uma relação amorosa e conjugal. Na imoralidade e hipocrisia de seu mestre, o jovem pároco encontrou-se livre para descumprir as regras da Igreja, e então, a convivência diária com Amélia, sem a preocupação de seguir o celibato, faz com que os dois tenham o mesmo relacionamento que vivem o Cônego e a S. Joaneira.

O comportamento de Amaro, após descobrir a relação entre o Cônego Dias e a senhora não é coincidência, tem como objetivo expor o determinismo do meio social. O modo de agir do jovem pároco é determinado pelo contexto social em que ele está inserido, ou seja, se seu padre-mestre mantém um relacionamento secreto e ilícito com a S. Joaneira, ele também pode ter um romance com Amélia. Se o Cônego, já velho, não reprime seus desejos

sexuais, não seria ele, novo e viril, que abdicaria dos prazeres carnais em prol do voto de castidade da vida eclesiástica. Desse modo, Amélia assume um caminho semelhante ao de sua mãe, que não sucumbe ao mesmo destino, pois, apesar de as duas serem amantes de um padre, S. Joaneira não morre, mas Amélia tem um destino diferente de sua mãe.

Eça constrói a similaridade entre as narrativas da S. Joaneira e de Amélia de modo satisfatório. A coincidência do destino das duas pode ser vista como uma forma do autor de mostrar como naquele país, em meio à decadência, certos valores de um tempo passado, insistiam em ser passados gerações à frente. E mais além, a relação de herança de um caminho, que toma destinos diferentes, entre mãe e filha, mostra como os valores dessa nação são atravessados por contradições desde a sua formação. O que marca o fado de ambas se relacionarem com padres é a ruptura dos valores do meio em que estão inseridas, é a normalização de costumes viciosos que a sociedade de Leiria produz e reproduz. Essa perpetuação de princípios corrompidos é passada de geração a geração. Não é que seja próprio da natureza de S. Joaneira e Amélia assumirem o papel imoral de amantes de padres, mas o ambiente e as regras propostas por esses homens não permitem que elas sejam algo diferente daquilo que são.

As lembranças de Amélia a respeito de sua infância podem nos trazer outro ponto convergente na relação entre mãe e filha:

Lembrava-se bem! Moravam então noutra casa, ao pé da estrada de Lisboa; á janela do seu quarto havia um limoeiro e a mãe punha, na sua ramagem luzidia, os cueiros do Joãozinho, a secarem ao sol. Não conhecera o papá. Fora militar, morrera novo; e a mãe ainda suspirava ao falar da sua bela figura com o uniforme de cavalaria (p. 57).

S. Joaneira teve um outro filho, mais novo que Amélia, que faleceu quando a menina ainda era criança. A narrativa nos mostra que o bebê viveu no máximo até os dois anos, e Amélia teria entre cinco e seis anos quando ele nasceu, porém, o fator contraditório que aponta mais uma possível semelhança entre as duas, é que Amélia não recorda do pai, e isso faz os leitores questionarem como uma menina entre cinco e seis anos não tem minimamente algumas memórias da figura paterna. O fato leva a pensar que o irmão mais novo pode ser fruto de uma outra relação de S. Joaneira, após a morte do pai de Amélia, e, outro ponto que legitima essa especulação, é a lembrança que Amélia guarda de sua casa na infância ser distante e afastada de todo o centro de Leiria. Essa memória também pode induzir a que se pense que esse bebê seria fruto de uma relação de S. Joaneira com algum padre, visto que a

senhora sempre esteve em um ambiente cercado pelo clero. Se essas especulações forem legítimas, podemos pressupor que o destino de Amélia e de seu filho já está traçado, pois, assim como a mãe, ela teria o filho de um padre e esse bebê também morreria.

Era quase inevitável que o destino de Amélia fosse semelhante ao da mãe, já que ambas viviam em um ambiente extremamente propício a essas relações ilícitas. Torna-se nítido o quanto a S. Joaneira precisa ser agradável e solícita com os homens de seu convívio por diversos motivos. Em relação ao Cônego, tudo indica que a senhora o ama, mas também precisa agradá-lo por ser provedor de seu lar. A Amaro, a situação é semelhante, uma vez que, ela precisa manter o dinheiro do aluguel do quarto. E aos outros padres, ela precisa manter uma postura cortês para garantir a sua respeitabilidade socialmente, visto que, no século XIX, hospedar pessoas em casa era algo mal visto. Amélia cresceu vendo o comportamento da mãe e passou a reproduzi-lo, tornando-se então um reflexo de sua genitora. Ao longo do livro Eça reforça o poder que a igreja católica tinha no século XIX e também o poder que os homens possuíam em relação às mulheres. O autor se posiciona de modo crítico e denuncia de forma clara e incisiva a lógica repulsiva dos valores religiosos que aprisionavam e tiravam proveito do sexo feminino.

## **7. Amélia: personificação do pecado e castigo**

No primeiro capítulo de *O crime do padre Amaro* também temos a descrição física de Amélia, personagem que, com Amaro compartilha o título de protagonista do romance. Amélia “era uma rapariga de vinte e três anos, bonita, forte e muito desejada” (p. 21). Na introdução da personagem os leitores são apresentados a diversos atributos físicos da jovem. Sabe que seus olhos são “vivos e negros”, seus cílios são longos e que ela tem uma covinha no queixo. O detalhamento de suas características é uma marca do realismo e Eça de Queirós explora bastante esse traço na construção de todas as suas personagens.

Todas as nuances de Amélia, sejam as suas descrições físicas ou psíquicas, deixam claro que ela é uma personagem romântica. Duas de suas características mais marcantes são a jovialidade e a beleza, alinhadas a uma ingenuidade que a torna fútil e ociosa. Outro fator decisivo na formação da personagem é o seu ambiente, o convívio com os padres desde muito nova, o que fez da valorização da religião um princípio fundamental de sua personalidade. Percebe-se que, ao criar Amélia de forma romântica, Eça faz críticas ao romantismo e seus

exageros, pois, muitas características da personagem reforçam justamente o que ele critica nos romances.

Ao longo do desenvolvimento psíquico de Amélia nota-se a sua frágil condição emocional. A personagem mostra-se, desde muito jovem, ser alguém sem autonomia e de caráter facilmente influenciável, e entende-se, seguindo a premissa naturalista e determinista do romance, que seu comportamento é fruto da educação e do meio social de Leiria. A infância da menina ocorreu em meio ao clero e como consequência toda sua personalidade foi moldada em um temor exacerbado de sofrer a ira de Deus. Percebe-se desde o início da obra a dominação que a religião tinha sobre Amélia, e assim, o seu envolvimento com Amaro torna-se inevitável, pois seus valores morais foram criados por uma visão distorcida sobre a Igreja e o papel de servidão que os fiéis precisam seguir. Assim, ao se entregar a paixão por Amaro, Amélia acreditava estar seguindo a vontade de Deus.

A falta de representatividade masculina na vida de Amélia também a encaminha para os braços de Amaro, visto que o único referencial masculino na vida da jovem é o convívio com os padres. No campo da psicanálise, Sigmund Freud em seu *O mal-estar na civilização* (1930), Freud sobre a figura paterna dizendo: “[...] não consigo pensar em nenhuma necessidade da infância tão intensa quanto a da proteção de um pai” (Freud, 1930/1996, p.90.). A partir dessa observação, percebo que essa ausência marcou, de forma negativa, a vida de Amélia, isso porque a falta do pai em meio a um convívio eclesiástico impulsionou a menina a enxergar nos padres o referencial de masculinidade e de santidade, que de alguma forma podemos ler como uma tentativa de preencher esse espaço em sua vida, e ela busca nessas figuras uma aprovação e validação.

Outro ponto importante na construção de Amélia é a identificação das características das mulheres do século XIX. Como visto no início deste trabalho, a sociedade oitocentista reservava ao sexo feminino o clausuro do ambiente familiar, o que resultava em uma educação desigual se comparada à dos homens. A formação feminina tinha como premissa agradar e servir, então, mesmo as mulheres economicamente favorecidas e que possuíam acesso a saberes como gramática, literatura, matemática, utilizam esses aprendizados para ensinar aos filhos e agradar aos homens no núcleo familiar ou nas reuniões sociais.

Podemos observar que a educação de Amélia não prioriza o desenvolvimento de aptidões domésticas, como cozinhar ou costurar, mas sim aquelas que servem para agradar aos homens. Seu aprendizado é voltado para o cuidado e simultaneamente a prepara para o

casamento. Assim, toda a educação de Amélia é conduzida para que ela siga o ideal feminino do século XIX, ela é ensinada a ser aquilo que a sociedade espera de uma mulher. Este aprendizado volta-se também ao amor e seguindo os costumes da época a jovem aprende que as relações amorosas acontecem por meio da dominação, e assim, a manipulação e a violência tornam-se motores desses relacionamentos.

A primeira relação de Amélia acontece na adolescência, quando a menina se apaixona por Agostinho, um rapaz já experiente que segue o *modus operandi* do seu século, que, assumindo o papel de caçador, domina Amélia, que se mostra inexperiente em seu primeiro beijo. Esta primeira paixão com o filho do Sr. Brito de Alcobaça marca o pendor para o fracasso que seria a vida amorosa da personagem. Pode-se dizer que essa experiência irá conduzir a forma como a jovem se relaciona e enxerga o amor, pois futuramente, ao envolver-se com um homem tranquilo, como João Eduardo, Amélia não se sente atraída. Assim, podemos notar que a relação com Agostinho e todo ideal que também era construído pela literatura de sua época internalizam nela o desejo de viver uma relação com homens autoritários, que “assumam” o controle de sua vida.

Após os primeiros beijos (de Amaro), Amélia canaliza todos os seus desejos sexuais para a religião, o que faz com que a jovem passe a associar os amores românticos a relacionamentos entre frades e freiras, confundindo os prazeres sexuais com a adoração religiosa. Esta é uma forma que Amaro encontra para estimular a sexualidade de Amélia, ao emprestar o livro *Os cânticos de Jesus*, uma obra beata que utilizava a luxúria como forma de linguagem. Desta forma, o pároco consegue despertar o desejo da jovem. Amélia passa então a querer Amaro, porém, sua ingenuidade inicialmente a faz enxergar este sentimento como “adoração”.

Educada à margem da Igreja, Amélia sofre uma dominação psicológica muito forte, o que a faz confundir servidão e desejo religioso e sexual. Na construção de seu romance com Amaro fica claro que ela o adora como se estivesse servindo e adorando um santo. O século XIX ainda é marcado fortemente pelo patriarcalismo. Nesse sistema, o sexo feminino é completamente dominado pelo sexo masculino e podemos ver esse traço na jovem, que segue fielmente o estereótipo da mulher submissa ao acatar toda a dominação física e psicológica de Amaro. A condição do pároco exige que suas investidas sejam discretas, porém insistentes. Por meio de trocas de olhares e contatos físicos, Amaro começa a persuadir e convencer

Amélia de que amá-lo não é um erro. Logo, cria-se uma relação de manipulação: o que o padre ordenava, Amélia seguia sem questionar, como podemos constatar no trecho a seguir:

Desde a primeira manhã, na casa do Tio Esguelhas, ela abandona-se-lhe absolutamente, toda inteira, corpo, alma, vontade e sentimento: não havia na sua pele um cabelinho, não corria no seu cérebro uma idéia a mais pequenina, que não pertencesse ao senhor pároco. Aquela possessão de todo o seu ser não a invadia gradualmente; fora completa, no momento que os seus fortes braços se tinham fechado sobre ela. Parecia que os beijos dele lhe tinham sorvido, esgotado a alma: agora era como uma dependência inerte da sua pessoa. E não lho ocultava: gozava em se humilhar, oferecer-se sempre, sentir-se toda dele, toda escrava; queria que ele pensasse por ela e vivesse por ela; descarregara-se nele, com satisfação, daquele fardo da responsabilidade que sempre lhe pesara na vida; os seus juízos agora vinham-lhe formados do cérebro do pároco, tão naturalmente como se saísse do coração dele que lhe corria nas veias. “O senhor pároco queria ou o senhor pároco dizia” era para ela uma razão tão suficiente e toda poderosa. Vivia com os olhos nele, numa obediência animal: tinha só a curvar-se quando ele falava, e quando vinha o momento a despertar o vestido (p. 218-219).

Amélia encontra-se totalmente submissa ao poder de Amaro. Suas ambições, vontades e opiniões são construídas pela ótica dele, que utiliza todo o seu prestígio como figura importante do clero de Leiria, para mantê-la presa sob seus encantos em um relacionamento imoral. A devoção de Amélia torna-a alheia a tudo que não está relacionado ao padre ou ao seu amor por ele. Para Amaro, a subordinação da amada é o cenário perfeito. Manter Amélia longe de qualquer outro interesse é a melhor forma de ela continuar alienada e escrava de suas vontades:

Amaro de resto não lhe consentia interesses, curiosidades alheias à sua pessoa. Proibia-lhe até que lesse romances e poesias. Para que se havia de fazer doutora? Que lhe importava o que ia no mundo? Um dia que ela falara, com algum apetite, de um baile que iam dar os Vias-Claros, ofendeu-se como duma traição. Fez-lhe em casa do tio Esguelhas acusações tremendas: era uma vaidosa, uma perdida, uma filha de satanás. [...] Tinha um medo, que o punha, de a ver subtrair-se ao seu império, perder-lhe a adoração muda e absoluta. (p. 219).

É importante ressaltar que, quanto mais cega de desejo e paixão a jovem fica, mais especial ela se sente. Entregar-se às vontades de Amaro é como ter acesso a benefícios celestes reservados para poucos. Ao desfrutar do amor proibido, Amélia se humilha, e assumindo uma postura passivo-masoquista, desfruta do prazer de o outro se apossar totalmente de sua mente e de seu corpo. A visão que tem sobre a moralidade está intrinsicamente ligada a uma visão de mundo pautada na doutrina religiosa, e dentro dessa



visão, o celibato dos padres faz parte desse conjunto de regras morais. No entanto, Amélia decide se entregar ao prazer do corpo e negar, para seu prazer, o pecado religioso, pois acredita que, ao se entregar a Amaro e poder gozar dos privilégios dessa relação, está se aproximando de Deus. De certo modo, Amélia, tal qual o Portugal decadente, aceita aquilo que lhe é conveniente – ser cúmplice no pecado da quebra do celibato de um padre quando é necessário para seu prazer pessoal e para seus interesses.

Mas essa atitude de Amélia, que de certo modo se nega a ver as contradições contidas nesses comportamentos, perante Amaro não perdura ao longo de toda a história. Percebe-se que há uma evolução no desenvolvimento psicológico da personagem. A princípio é nítida a sua personalidade tímida e sua total servidão aos credos e normas da Igreja, porém, com o avanço de seu envolvimento com Amaro e as consequências de infringir as leis católicas, torna-se possível notar um amadurecimento da personagem. Amélia tem momentos de lucidez e até mesmo compreende que não passava de um mero objeto de desejo de Amaro: “Mas Amélia, agora, já não tinha aquela necessidade amorosa de contentar em tudo o senhor pároco. Acordara quase inteiramente daquele adormecimento estúpido da alma e do corpo, em que a lançara o primeiro abraço de Amaro” (p. 234-235). Apesar de Amélia ainda oscilar entre momentos de lucidez e momentos de desejar viver intensamente a paixão pelo padre, ela começa a enxergar o pecado por trás de seu relacionamento. O medo do castigo divino e a condenação social abate completamente a beata, que passa a viver em um estado depressivo e melancólico.

Caiu então numa melancolia histórica que a envelhecia; passava os dias suja e desarranjada, não querendo dar cuidado ao seu corpo pecador; todo o movimento, todo o esforço lhe repugnava; as mesmas orações lhe custavam, como se as julgasse inúteis... (p. 284).

A partir do momento em que Amélia começa a reconhecer e entender as consequências de seu relacionamento com Amaro, quando enxerga o pecado por trás da sua paixão, ela passa a ser uma personagem torturada pela culpa. Essa percepção do pecado marca o início da mudança psicológica e até mesmo religiosa da personagem, que busca entender melhor como se comportar como mulher e cristã. Com o discernimento e a ajuda de Abade Ferrão, Amélia reabilita em seu ser um novo modo de viver a sua religiosidade. Outro marco importante para reabilitação da jovem é quando ela entende as consequências de ter engravidado de Amaro. A gestação é a materialização do pecado que ela e Amaro cometeram,

a ruína de ambos socialmente seria o castigo pelo crime, então, inicialmente o posicionamento de Amélia perante a chegada de uma nova vida é de completa histeria.

A primeira solução que Amaro encontra para encobrir a gravidez de Amélia é fazer a jovem reatar seu relacionamento com João Eduardo, o que no início da paixão era inconveniente para ele, e após o crime parece ser a única saída. Amélia mostra-se descontente com o arranjo, porém, em completo desespero, não tem outra escapatória. Entretanto, com a ajuda do Cônego Dias, Amaro encontra outra solução para o problema, enviar Amélia para Ricoça, com o pretexto de cuidar da irmã do Cônego, que estava em seus últimos dias.

Amaro, mais uma vez aproveitando de sua condição, induz a moribunda a pensar que, ao acolher e guardar o segredo de Amélia, estaria fazendo uma boa ação para alegrar a Deus e isso a colocaria em posição de alcançar a eternidade. Nesse momento, podemos novamente enxergar o quão distorcidos são os valores morais de Amaro, que não pestaneja e utiliza a sua posição de padre em benefício próprio. O pároco sequer pensa no bem estar de Amélia, pois ela se torna um fardo para ele, visto que existe a iminência da revelação do pecado de ambos. Isolada em Ricoça, a jovem padece e começa a “pagar” pelo seu crime.

A irmã de Cônego Dias aceita guardar o segredo da jovem, porém ela é perversa com Amélia, que, isolada de todos, entra em estado de grande solidão. O único que lhe faz companhia nesse difícil momento é o Abade Ferrão, uma das poucas personagens de bom caráter da obra, que realmente segue os preceitos da Igreja e mostra-se íntegro em seus valores, o que traz a Amélia a visão correta de Deus. Com a ajuda do Abade, a menina finalmente conhece um Deus amoroso, que está disposto a perdoá-la e, após confessar-se, Amélia decide romper seu relacionamento com Amaro. Todavia, a reação de Amaro perante o término não é de aceitação. Quando Amélia para de responder a suas cartas, o jovem pároco fica possuído pela raiva, porém, lembra dos ensinamentos do Cônego e utiliza a indiferença como arma para trazer a jovem para perto, o que funciona.

Nesse ponto da história podemos constatar o quanto a manipulação e dominação de Amaro está entranhada em Amélia. Os planos do Abade Ferrão eram tentar aproximar novamente a jovem de João Eduardo, e por um tempo, Amélia mostra-se contente com a ideia, porém, ao deparar-se com a indiferença de Amaro, decide reatar com ele, mesmo sabendo que não teria um futuro digno ao seu lado. A qualquer sinal de que Amélia está escapando de seu domínio, Amaro age, controlando-a por meio de sua influência religiosa e pelo desejo carnal que ambos sentem um pelo outro. Em diferentes momentos da narrativa

torna-se viável acreditar que o elo entre os dois não é construído a partir do amor, mas sim pela força e pelo desejo sexual. Amaro nutre por Amélia um sentimento de posse e quando ela desperta do estágio de manipulação e passa a ter uma visão mais objetiva de Deus e de sua relação pecaminosa, ele é dominado pela ira.

Durante a gestação e o isolamento de Amélia em Ricoça, Amaro a visita a fim de ter momentos de luxúria com a jovem e também garantir que o crime que cometeram permaneça em segredo. Ele passa a ser grosseiro, pois o comportamento dela já não é similar ao que tinha em Leiria. O despertar de Amélia em relação ao pecado que cometeu a transforma em uma mulher depressiva. Atordoada pela culpa, ela muda seu comportamento com Amaro. E ele presume que essa mudança está relacionada a um novo relacionamento, “Amaro então começou a acreditar que tanta resistência não podia vir só do arrependimento e do terror do inferno... “Ali há homem”, pensou” (p. 275), esse pensamento de Amaro perpetua a crença de grande parte dos homens no século XIX – e também acrescento ser uma crença que perdurou o século XX e ainda é muito presente no século XXI – onde as mulheres são vistas apenas como objeto sexual, sem levar em consideração que o sexo feminino poderia ter outros conflitos além da perspectiva amorosa.

Os últimos dias de vida de Amélia são marcados pelo medo, pela culpa e pelo pecado. A condição psicológica da jovem a coloca em um local de autotortura, ela já presente seu fim e castigo desde o momento em que descobre a gravidez: “Tinha chegado enfim o castigo, a vingança de Nossa Senhora, que ela sentia preparar-se há tempos no fundo dos céus. Como uma tormenta complicada. (...) Ah! Nossa Senhora vingara-se demais!” (p. 241). Até o dia de sua morte, Amélia projeta sobre si toda responsabilidade pelo que estava passando, ela não responsabiliza ou ao menos divide essa culpa com Amaro. Mantém-se submissa ao meio social em que cresceu, aos valores incorporados na sua infância e juventude, que jamais a colocariam em uma posição de questionar o clero. logo, para ela era necessário manter-se à sombra de Amaro e proteger o crime que ele cometeu perante a Igreja e os preceitos católicos.

O final de Amélia já era imaginado e está traçado desde o início do romance. A história a encaminha a viver um relacionamento com Amaro da mesma forma que sua mãe vive um relacionamento com o Cônego Dias. Essa “hereditariedade” não é marcada por uma condição genética, mas sim pelo meio social em que mãe e filha vivem. Os valores de uma sociedade adocida são passados de geração a geração. Amélia estava fadada a seguir o mesmo caminho de S. Joaneira, só que o seu fim é muito mais trágico do que o da mãe.

Muitas vezes o narrador encaminha o leitor à percepção de que a morte é o único destino possível para Amélia, pois as consequências de seu pecado giram em torno de um discurso punitivo, pregado pela Igreja.

A morte pode ser lida como uma punição para o pecado de Amélia, a mulher que se entregou a Amaro, um padre, e representa a forma como a sociedade oitocentista portuguesa condena as mulheres e seus corpos. O século XIX é impiedoso com qualquer transgressão do sexo feminino, e no caso de Amélia há um agravante, pois o seu delito poderia revelar o caráter obscuro e hipócrita da religião praticada em Leiria. A história não permite que Amélia seja perdoada. Enquanto para Amaro, tão ou mais errado que Amélia, nada acontece. Ele, que além de ir contra os reais valores da Igreja, ainda é responsável pela morte de seu filho, por entregá-lo a uma “tecedeira de anjos”, segue a vida normalmente. Apesar de padre, Amaro é homem, e essa condição o faz gozar de diversos privilégios de uma sociedade machista e patriarcal.

Por fim, Amélia sofre as consequências de suas escolhas, porém Amaro que cometeu erros iguais ou até mesmo piores, se colocarmos como perspectiva os privilégios de sua condição, não sofre consequência nenhuma. A narrativa termina com a transferência do pároco de Leiria para Lisboa e ao reencontrar seu velho amigo e mentor Cônego Dias, ambos concluem que o remorso sentido pela morte de Amélia havia de ser superado, afinal, “tudo passa”.

O desfecho de *O crime do padre Amaro* traz questionamentos para muitos leitores, justamente pelo fato de todo mal causado por Amaro não ter uma punição. Há muitos motivos para crer que o desfecho do romance é lamentável, pois, de certa forma, o narrador mostra seu desencanto por Portugal e mostra como ele é um país atrasado. Amaro, um personagem tão inescrupuloso, ao invés de ser punido, vai para Lisboa, seu grande desejo, quase como um prêmio, e mantém seus contatos políticos.

É possível pensar que Eça, um homem crente em seu papel como escritor (artista) como forma crítica de apontar as mazelas da sociedade, tenha escolhido um desfecho onde Amaro – um homem, representante de uma face do poder – para quem não há uma punição, segundo o sistema de crenças da igreja, para os seus atos. Por conta disso, ao final do romance, nada acontece a ele. Mas, de alguma forma, Eça age com ironia ao colocar Amaro nessa posição de ser, de alguma forma, uma face do poder vigente e assim ele escancara, com ironia e sarcasmo, as imagens de uma sociedade que se encontra tão decadente política e

economicamente, que se vê obrigada a fazer acordos, a ceder a pressões e na tentativa de manutenção dessa forma política vigente, fecha os olhos para aquilo que diz acreditar. Ao final do romance, Amaro mostra, com sua impunidade uma país conivente com suas contradições e disposto a fazer acordos absurdos como forma de manter o sistema político e econômico. Fica, por fim, a cargo do narrador, sendo irônico ao dizer “pátria para sempre passada, memória quase perdida” (p.470) para dizer mesmo que apenas nas palavras de um romance, que Portugal é um país que foi ficando estagnado na história.

## REFERÊNCIAS

- BRAIT, Beth. **Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido** 2.ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 2005.
- BITTENCOURT, Andrea. **“Farpas” sobre a mulher burguesa e outras mulheres em “Episódios da vida doméstica e romântica”, de Eça de Queirós**. Curitiba: Dissertação (Mestrado em Letras), Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, 2020.
- BORDIN, Marina da Silva. **A influência do meio em *O crime do Padre Amaro***. Ao pé da letra, 3.1., 2001. P.119-132.
- CRUZ, Maria Antonieta. **Olhares sobre o Portugal do século XIX**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2012.
- DANTAS, Francisco J. C.. **A mulher no romance de Eça de Queiroz**. São Cristóvão, SE: Editora UFSE, Fundação Oviêdo Teixeira, 1999.
- ESPÍRITO SANTO, Suely do. **As personagens femininas e a ironia de Eça de Queirós**. Soletas, São Gonçalo (RJ), Ano I, nº 1, jan./jun. 2001
- FIGUEIREDO, Mônica. **No corpo, na casa e na cidade: as moradas da ficção**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2011.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**, 1930 [1929]. In: \_\_\_\_\_. O futuro de uma ilusão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 65-147. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21)

- GUIMARÃES, Luis Oliveira. **As mulheres na obra de Eça de Queirós**. Lisboa: Clássica, 19--.
- LOURENÇO, Eduardo. **Da Literatura como interpretação de Portugal**. In: \_\_\_\_\_. O labirinto da saudade. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.
- MOTA, Aline Leal. **Anticlericalismo em mutação: as três versões de “O Crime do Padre Amaro” (1875-1876-1880), de Eça de Queirós**. Rio de Janeiro: Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras, 2014. Disponível em: <<http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/6671>> Acesso em 20/11/2023.
- MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. 30.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.
- OLIVEIRA, Penha Heloiza de. **O mundo interior em O crime do Padre Amaro de Eça de Queiroz**. São Paulo: Programa de estudos pós graduados em literatura e crítica literária. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.
- PEREIRA, Daiane Cristina. **A mulher e o discurso masculino nos romances de Eça de Queirós** São Paulo: Tese (Doutorado) defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2019.
- QUEIRÓS, Eça de, 1845-1900. **O crime do padre Amaro**. 2. Ed. São Paulo : Moderna, 2004. – (Coleção travessias)
- QUEIROZ, Eça de; ORTIGÃO, Ramalho. **As farpas**: crônica mensal da política, das letras e dos costumes. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1945.
- REIS, Carlos. Entre os parágrafos mortos da história. In: **Sobre a historicidade na ficção queirosiana**. (Onde foi publicado?) Revista de Estudos Literários 9 (2019): 85-113.
- SILVANO, Carolina. **O impasse feminino nas personagens de Eça de Queirós: entre o desejo e o dever**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- ZANATTA, Deisi Luzia. **A personagem na literatura portuguesa: uma leitura de O crime do Padre Amaro**. Odisseia – PPgEL/UFRN (ISSN: 1983-2435). Odisseia, Natal, RN, n. 10, p. 77-90, jan.-jun. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/10788>> Acesso em 20/11/2023.